

**REVISTA
INTERNACIONAL
DE
LÍNGUA
PORTUGUESA**

Associação das Universidades de Língua Portuguesa

Dezembro 1989

2

Cartas, uma Escrita para ser Ouvida



Lourenço do Rosário*

Quando em 1974 José Capela decidiu compilar e publicar algumas cartas que os leitores do jornal «A Voz Africana» escreveram, não deixou de chamar a atenção para a imensa riqueza que essas mesmas cartas encerravam. Riqueza que começava no plano da língua e da linguagem, percorria os meandros dos valores etno-culturais e desaguava no conflito socio-político prevalecente, por força da sociedade colonial. Deste modo, a sensibilidade de José Capela abriu pistas para o interesse que as várias disciplinas das ciências humanas e sociais poderiam vir a manifestar pelo acervo e o universo que as cartas representavam e representam.

Passados estes anos todos, o interesse ainda forte que tais cartas nos podem suscitar, reside na possibilidade de delas extrairmos ensinamentos de vária ordem

«Em Moçambique, e ao contrário do que faziam os ingleses nas suas colónias, não se ensinavam as línguas nativas. Os alunos das escolas eram introduzidos, desde logo, no aprendizado do português, com todos os problemas que isso criava». (1)

que nos levem a melhor compreender o articulado de valores diversos. Tais valores caracterizam-se por uma convivência conflituosa e por um caldeamento irregular e desequilibrado entre civilizações diferentes e culturas afastadas num processo de presença desigual.

Utilizando as informações fornecidas pelo autor da compilação, constatamos dois fatores determinantes para a importância destas cartas: por um lado, a origem da maior parte dos seus autores, predominantemente campesina, sob o ponto de vista ontológico, social, cultural... evidenciando um claro conflito entre os valores tradicionais da sociedade de que são oriundos e a vivência de uma urbanidade periférica mal assimilada; por outro lado, a apropriação de meios de comunicação e expressão à partida estranhos e mal dominados: o jornal, a escrita e a língua portuguesa.

(1) José Capela, in *Moçambique pelo seu Povo*. Ed. Apontamento, 1974.

* Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Se o que marca a distância e, de certo modo, o fundamental da diferença, entre a estética literária e o universo temático do inventário dos recursos literários do P.E. (Português Europeu) e do P.A. (Português Africano), reside no facto de o P.A. poder lançar mão dos ricos elementos culturais da sociedade rural africana que não estão ao alcance da expressividade do P.E., é natural que a apropriação desta língua por sujeitos quase analfabetos (sem o domínio da escrita, portanto) e ainda inseridos nesse mesmo universo cultural produza formas expressivas intensificadas. De entre estas formas, a amostra literária é apenas uma pálida imitação conscientemente cultivada.

Nesta perspectiva, pretende-se, com este pequeno artigo, evidenciar alguns aspectos da linguagem das cartas, bem como do seu universo narrativo, de forma a permitir aos interessados pela literatura africana de língua portuguesa uma melhor compreensão dos fenómenos da formação socio-cultural dos povos de Moçambique, e ainda da adaptabilidade da língua portuguesa à expressão africana.

O mais importante na amostra das cartas que aqui se apresentam, não deve ser procurado apenas no afastamento das regras de construção sintáctica. É importante verificar que os autores fazem uso cuidadoso do léxico, embora muitas vezes utilizando-o fora das compatibilidades semânticas e contextuais. Contudo, este facto, em vez de resultar em prejuízo da mensagem, enriquece-a com resultantes metafóricas verdadeiramente geniais e surpreendentes.

As cartas devem ser lidas em voz alta para melhor captação dos efeitos fonéticos e sintáticos. É de supor que os seus autores as tenham composto também em voz alta, numa produção que recria os ambientes narrativos da tradição oral. Por outro lado, o apelo constante ao receptor faz supor também que os seus autores procuravam eliminar o carácter mediatizado que a escrita representa como forma de expressão e de comunicação.

Os exemplos que escolhemos contemplam narrativas que procuram cobrir várias questões sociais e culturais que ultrapassam

problemas de carácter individual, funcionando como verdadeiros paradigmas antropológicos da sociedade moçambicana que vive numa situação convulsiva.

No que diz respeito à utilização da língua portuguesa, não se deve procurar encontrar nas cartas, apressadamente, um modelo do que se convencionou chamar «o português falado em Moçambique». A compilação das cartas reúne amostras do português que, do ponto de vista geográfico, cobre o território moçambicano. De qualquer forma, o carácter cuidado emprestado à redacção com a introdução, muitas vezes, de expressões complexas retiradas de diversos contextos (códigos religiosos, socio-políticos, da cultura urbana, etc.) pode levar a pistas menos correctas se quisermos determinar a espinha dorsal do português moçambicano a partir desse tipo de material.

Este artigo visa fundamentalmente guiar o leitor na leitura das cartas que a seguir se anexam. Há, para isso, que ter em conta dois aspectos:

1 — aspectos de natureza linguística, de forma a apreender toda a problemática da utilização da língua do outro para expressar questões existenciais e culturais numa perspectiva de conquista. A forma como os autores aparecem nas cartas é a de uma verdadeira batalha pelo domínio de um instrumento que lhes permitirá passar do seu mundo para o mundo desse outro, através da apropriação do instrumento identificativo por excelência, a língua. Mais do que o português bem ou mal dominado, para estes autores só conta o português utilizado. No fundo é um instrumento de libertação para um destino ainda por definir.

2 — aspectos de natureza etno-cultural que representam o pitoresco e o conflitual, numa perspectiva ambivalente, pois ao mesmo tempo que tendencialmente os autores marcam a sua vontade de distanciamento do mundo de que são originários, o tradicional, eles não deixam de aferir as valências deste e daquele outro mundo a que procuram ascender, conhecendo-lhe também os defeitos. No

fundo, é um exercício que recria uma cena de caça nocturna, em que o encadeamento do antípole faz com que este seja atraído para a morte sem que no entanto deixe de ter consciência do seu destino. É, contrariamente ao uso da língua, um acto anti-

-libertador, pois elogiam-se os valores da sociedade tradicional que se rejeita e atacam-se os valores da sociedade colonial urbana a que se aspira pertencer.

Leia-se com atenção as cartas em anexo.

**1. Joaquim Tomaz Gombe Gombe,
solteiro, 25 anos,
natural de Marromeu
e residente na Beira.**

Sr. Director, o motivo que me levou a escrever esta carta, é o seguinte: o meu pai é um ser também Deus puramente infinitamente perfeito, o criador da terra. Se porventura é também do céu por a caso. Admiro bastante, como sou desobediente do meio pai desde 1956, vivemos ambos invisivelmente, mais não consigo realizar a vida cheia de prosperidade. Pois que verdade a lição é descobrida na segunda pessoa da Santíssima Trindade, os que não obedecem aos pais não tem graças nenhuma, são pessoas mortas pela vista de Deus. Eu se por a caso sou o morto na vista de Deus. Já trabalhei quase todas companhias da Beira, mais um vícios de que pratiquei, é de pagar uma pessoa da pândigas 20\$00, e não faço ideia de comprar um rádio nem motorizada. Nas três companhias onde-me recebia a mais de 730\$00 são essas: na Sonap como telefonista por 730.00, nos caminhos de Ferro como contra-marca de Transmissões 1 300.00 na Farmacia Manuel Frutuoso Agostinho como praticante de enfermeiro por 800.00. Mais não sei onde-me guardava esses vencimentos todos. Numa noite certa fui-me dotados pelo sonho fortissimo, durante toda a noite. Vinha um homem de que não conheço trazia com ele vestida branca muito mais brilhava-se e a cara parecia trovoada, mas duas asas nos ombros. Ele então disse-me assim. Amigo! terás á no futuro uma vida cheia de prosperidade se não te esquece o meu conselho. Avida no futuro é precisa-se estudar até admissão da 4.^a classe, e depois sibiliza-se, por enfim vais a autoridade para que mandassem em Militar, Deus que é o grande serás o homem no futuro. O Anjo tem razão!... no ano seguinte experimentarei o sonho dotado pelos os anjos da guardas.

**2. Xavier dos Santos Meneses,
Hospital da Missão Santo Condestável,
Alto Molócué.**

Senhor Director; hoje faço cumplicidade da linguagem Africanos. Rogo V. Excia de anunciar a minha notícia acontecido no dia 2/1/1960 que é o seguinte; Esteve Hospital José Martinho Sancho com o filho doente, de noite apareceu Leopardo foi no galinheiro, que contava 48 galinhas, o animal matou 44 galinhas e ficaram 4 o homem ouviu gritos das galinhas, veio-me agordar era às 3 horas madrugada eu fui, abri a capoeira encontrei 4 galinhas fiquei muito admirado por ter encontrado só 4 galinhas.

Fui avisar irmã enfermeira me disse vai chamar o guarda da Missão ver se encontra quem foi que roubou as galinhas. Chamei não respondeu nada fui procura do caso nunca encontrava toda a parte da missão nada só encontrava tripas espalhada. Ao nascer do sol por aí 6 horas veio José M. Sancho e dois rapazes um tinha uma regua na mão de meio metro comprimento pedi o rapaz me deu. Procurei num muro do muchem lá encontrei Leopardo fugia e eu ia sempre atrás dele, num momento escondeu-se eu não sabia onde tinha escondido, quando viu me o animal levantou morreu-me a mão direita até por outro lado eu com a mão esquerda deu uma reguada na cabeça e queria levantar não conseguia, os amigos tinham fugidos como eram fracos. Fui a missão avisar os missionários quando eu falava matei Leopardo ninguém acreditava dissiam mentira só quando mandaram os homens a buscar do animal. E eu fui me tratado da mão furada. Desculpe os senhores e senhoras leitores o tempo perdido que vos roubei.

Assim termino. isso é uma verdade certinho.

3.

Eu admiro por essas mulheres da Beira que andam fazerem a conta própria, uma vez eu combinei com uma gaja de nome Florinda Primeiro, para que fazermos a companhia na vivença, e neste caso eu é que corria com as despesas da gaja, pagar a renda da casa onde ela morava. E chegou a certa altura que eu pensei ir a terra visitar a família, e a irmã mais velha resolveu dizer a gaja para que me fugisse, e logo que eu vi me mostrar a cara feia eu notei já; e levei o caso perguntar a irmã mais velha; e aí não me respondeu de bom é logo à purrada, é a irmã da gaja e o cunhado dela, todos os três contra mim.

Senhores leitores isto é, acham que é bom? O que eu pretendia era me deixar ir a terra e ela então ficava tratar da vida dela; por isso que os nossos antepassados dizia que se criar um ladrão corta-lhe a orelha para dar sinal.

Senhores leitores, não podemos entregar toda a nossa vida numa puta, porque quando logo ela vier que já estás cheias de desgraças começa virar a página nem se importa mais de ti como gente; quando estamos na cidade não podemos

esquecer das nossas mulheres da terra, porque essas coisas das putas é tal como dum filme do cinema porque quando passou passou mesmo. Visto que eu vou a terra com desgraças, e ela cheia de vistamento que eu fazia para ela; e hoje nem bons dias quando encontrar com ela.

Senhores leitores, essas frases que me levou a escrever não é para infigir aos senhores leitores não. É para nós termos cuidado com essas luzes da cidade, senão ficaremos sem vista.

4.

O que eu estou a lamentar é o seguinte os bebados do Nampula precisam de ser defendidos, um dja fuj eu beber no bar do Senhor Pinto Soares e outro meu amigo que estava sentado ao meu lado levou bofetadas ponta pés socos e mais muitas coisas que são utilizados para alejar uma pessoa ou para castigar uma pessoa que merece castigo.

Eu como bebado apelo para autoridades competentes para ver este caso de nós os bebados (NAKHAJUS) para sermos protegidos, porque o Senhor Soares Precisa do dinheiro e o bebado precisa do vinho, Pinto Soares é uma pessoa educada e o bebado não é.

Eu sei muito bem que nós alcoolicos quando estamos grosso falamos mal e sem respeito, mas mesmo assim podia haver protecção nos bares de Nampula porque eu vi muitos brancos nos bares proprios da cidade bebem e ficam grossos e até outros recusam de pagarem, mas não são mal tratados.

E porque nós no Bar do senhor Pinto Soares somos mal Tratados, se eu não vou beber no hotel Portugal é porque tenho receio lá também vai o meu patrão tomar café agora eu não posso sentar junto com meu patrão, porque amanhã se eu pedir aumento patrão vai dizer que o dinheiro não te chega mas tens para gastar no vinho é por essa razão que eu gosto beber no Senhor Pinto Soares e no Senhor Martins, porque lá tenho os meus amigos da minha classe eu podia ir no hotel Portugal onde podia ser respeitado mas as razões que me empedem são esse que eu escrevi em cima desta carta, porque sei que em terras Portuguesas não há distinção só o senhor Pinto Soares é que quer semear odio entre o Portugues e negro agradeço muito e peço as autoridades para defender os bebados negros de Nampula que estão desprotegidos, além de gastarem o seu miserável salário por cima leva muro de Mucunha¹. Pinto Soares, estamos no século vinte o senhor Pinto Soares tenha Paciência porque diz uma História dos nossos ante passados que, quer chuva tem que aguentar lama, senhor Soares quer dinheiro então que atüre os bebados se estou mentir que um dos leitores de Nampula desminta o que eu escrevi.

Sou eu um dos bebados, I. K., padeiro nesta cidade de Nampula.

¹ Mucunha: Branco, europeu.